

Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II

As Novas Comunidades como uma forma
de autorrealização da Igreja

Rejane Maria Dias de Castro Bins

Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II

As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja

Ecclesiality, New Communities and Second Vatican Council

New Communities as a way of self-realization of the Church

Rejane Maria Dias de Castro Bins

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

Este trabalho parte da dissertação de mestrado que buscou aferir o papel das associações de fiéis conhecidas por Novas Comunidades na eclesiologia da Igreja Católica. Estuda o contexto eclesial relativo ao laicato, cujo apostolado é fortemente impulsionado pelo Concílio Vaticano II, ao adotar a eclesiologia de comunhão, gerando a necessidade de lugares de experiência de vida verdadeira, amenizando o individualismo. Reconhece a presença dos movimentos eclesiais desde os primeiros séculos da era cristã, marcados pelo carisma infundido no fundador pelo Espírito Santo. Examina as novas comunidades como uma experiência autêntica de Igreja, moldada pelos carismas do Espírito, dando eficácia ao testemunho dos seus membros em uma unidade multiforme; enfatiza a origem carismática das Novas Comunidades, a partilha e a consagração de vida de fiéis de diferentes estados, a ênfase dada ao processo integral de formação cristã. Prioriza os sinais de eclesialidade, conforme critérios da Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, e o dinamismo para a comunhão e a missão; avalia como essas novas realidades são instrumentos eficazes de encontro pessoal com Jesus Cristo e analisa as possibilidades de relacionamento com as paróquias. A metodologia é bibliográfica, percorrem-se doutrinadores italianos, porque muito férteis a respeito, e documentos da Igreja universal desde o Concílio Vaticano II. Conclui-se pelo reconhecimento das Novas Comunidades como um dos protagonistas atuais da eclesiologia de comunhão, buscando realizar a missão evangelizadora primordial da Igreja, em comunhão com as demais realidades eclesiais, com diferentes possíveis formas de inserção nas Igrejas locais.

Palavras-chave: Novas Comunidades; Carisma; Eclesiologia; Comunhão; Concílio Vaticano II; Paróquia.

Abstract

This work starts from a Master's dissertation that aimed to evaluate the role of lay associations, known as New Communities, in the ecclesiology of the Catholic Church. It studies the ecclesial context in relation to the laity, whose apostolate is strongly driven by the Second Vatican Council, in adopting the ecclesiology of communion, generating the need for places of true-life experience, softening individualism. It recognizes the presence of ecclesial movements since the early centuries of the Christian era, marked by the charism infused in its founder by the Holy Spirit. It examines New Communities as an authentic experience of Church, shaped by the charisms of the Spirit, giving effectiveness to the testimony of its members in a manifold unity; it emphasizes the charismatic origin of New Communities, the sharing and consecration of life of believers from different states, the emphasis given to the full process of Christian formation. It prioritizes the signs of ecclesiality, according to the criteria of the Apostolic Exhortation *Christifideles laici*, and the dynamism for communion and mission; it evaluates how these new realities are effective instruments of personal encounter with Jesus Christ, and analyzes the possibilities of relationship with the parishes. The methodology is bibliographical, studying Italian doctrinators, since they are very fertile about this subject, and documents of the universal Church since the Second Vatican Council. It concludes recognizing New Communities as one of the current protagonists of the ecclesiology of communion, seeking to accomplish the primary evangelizing mission of the Church in communion with the other ecclesial realities, with different possible forms of insertion in the local Churches.

Keywords: New Communities; Charisma; Ecclesiology; Communion; Second Vatican Council; Parish.

Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II

As Novas Comunidades como uma
forma de autorrealização da Igreja

Rejane Maria Dias de Castro Bins
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *José Ivo Follmann, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XIII – Vol. 13 – Nº 106 – 2016

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Arte da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Coullart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: humanitas@unisinos.br

Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II¹

As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja

Rejane Maria Dias de Castro Bins

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Introdução

Este trabalho tem como questão norteadora o papel das agregações denominadas de *Novas Comunidades* (NC) na Igreja Católica como forma associativa de fiéis de todas as vocações fortemente impulsionadas pelo Concílio Vaticano II, por ter optado por uma eclesiologia de comunhão e, também, por uma Igreja entendida como

¹ Este artigo é a íntegra da apresentação proferida pela MS Rejane Maria Dias de Castro Bins, no dia 20 de maio de 2015, nas Sessões Temáticas do II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

mistério e dom, revigorando a teologia dos carismas e acentuando a vocação dos leigos para o apostolado.

O trabalho está organizado em três seções, sob as diretrizes do Concílio Vaticano II em seus vários documentos, bem como com documentos posteriores. A primeira seção aborda sinteticamente os contextos socio-cultural e eclesial em que eclodiram e se desenvolveram as NC. Na segunda seção, perscrutam-se as características das NC. Na terceira, examinam-se suas condições de eclesialidade e a articulação na missão da Igreja.

Como são parcos os estudos sobre as NC no Brasil, e considerando o objetivo deste II Colóquio Internacional IHU, de analisar prospectivamente o Concílio Va-

ticano II, debatendo seu significado e suas contribuições frente às transformações tecnocientíficas e socioculturais de nosso tempo, entende-se que o trabalho auxiliará a perceber como as iniciativas apostólicas das novas agregações, decorrentes dos seus objetivos estatutários baseados no respectivo carisma, sendo uma das formas possíveis de autorrealização da Igreja, podem ser acolhidas e aproveitadas na única missão da Igreja na história.

1 Contexto de aparecimento das Novas Comunidades

1.1 Contexto sociocultural

A época iniciada durante a segunda metade do século XX é, em geral, alcunhada de *pós-modernidade*. Com este termo procura-se, de modo geral, evidenciar a crise da razão moderna e, por sua vez, todas as implicações que daí decorrem e influenciam de forma direta o ser humano e suas relações².

De fato, em decorrência do progresso tecnológico ocorrido especialmente a partir da segunda metade

do século XX, incluindo a comunicação, sobrevém o fenômeno da *globalização*, que conecta as sociedades, os povos, as culturas e a economia; a racionalidade é pragmática, já não há praticamente subordinações a pensamentos de classe, família, crenças. Os indivíduos têm um projeto próprio e reflexivo (*self project*)³, modificável, mais materialista, relativista, consumista. Pratica-se um modelo relacional em que as verdades se interligam e não há pretensões a uma segurança ou a uma certeza absolutas, nem há instâncias reguladoras de natureza religiosa ou ideológica no conjunto social⁴. É o tempo em que as técnicas inovadoras do mundo das comunicações aproximam os seres humanos, o conhecimento pode alargar-se, está crescendo uma nova consciência ecológica; o desenvolvimento da engenharia genética, das ciências biológicas, da nanotecnologia e da medicina proporcionam recursos inéditos, beneficiando a vida humana. Há mais preocupação com a dignidade, a alteridade e os direitos humanos. Ocorre um maior diálogo inter-religioso, que, no caso do catolicismo, também

2 MAZZOCHINI, L. A.; HACKMANN, G. L. B. Pecado: Fragmentação do Ser Humano numa Sociedade em mudanças. *Teocomunicação*, v. 39, n. 1, p. 108.

3 GIDDENS, A. *Modernity and self-identity*, p. 75.

4 VALADIER, Paul. *Catolicismo e sociedade moderna apud* LIBÂNIO, J. B. *Jovens em tempos de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais*, p. 116.

encontra uma alavanca no Concílio Vaticano II⁵. Mesmo com a descrença estreitamente ligada à indiferença e ao alijamento na sociedade pós-moderna, permanecem, no ser humano, as interrogações relativas à sua contingência e à experiência do sofrimento e da morte, a que o marxismo decadente já não responde, nem o fazem a crescente disponibilidade de bens materiais e o consumismo de massa, de fundo capitalista, que procuram disfarçar o sofrimento e a morte.

Os seres humanos se sentem limitados e frágeis, mas feitos para a união com o Sem-limites; por isto, voltam a buscá-lo, ainda que de forma superficial, experimental, em uma mística compreendida como uma procura de sensações espirituais⁶, ocorrendo o que tem sido chamado de *retorno do sagrado*, dentro do pluralismo religioso. O desafio é o de perseguir uma harmonização de impulsos diversificados, sem perda de identidade, atribuindo **relevância renovada à formação de relações intersubjetivas livres, com base na con-**

5 Com os documentos *Unitatis Redintegratio*, *Nostra Aetate* e *Dignitas Humanae*.

6 BINGEMER, M. C. L. A Sedução do Sagrado. *Religião e Sociedade*, v. 16, p. 85. Disponível em: <<http://goo.gl/q2h7qc>>. Acesso em: 7 jul. 2014.

fiança e no amor. Segundo Wagner Ferreira, nestas circunstâncias, o indivíduo “parte em busca não simplesmente de um sentido para o seu existir, mas de *um lugar de experiência*, onde possa encontrar segurança e paz em meio ao caos da fragmentação cultural”⁷ que as Novas Comunidades proporcionam, como se verá. Esses “sinais dos tempos” têm muito a ver com aqueles para os quais foram escritos os documentos conciliares.

1.2 Contexto eclesial

João Paulo II fala dos movimentos, o que inclui as NC, como “uma concreta realidade eclesial com participação **prevalentemente laical**, um itinerário de fé e de testemunho cristão que funda o próprio método pedagógico sobre **um carisma determinado doado à pessoa do fundador** em circunstâncias e modos determinados”⁸. Por essa prevalência leiga é que se faz rápida abordagem do tema do laicato na Igreja.

7 FERREIRA, W. *As Novas Comunidades no Contexto Sociocultural Contemporâneo*, p. 28.

8 JOÃO PAULO II. Messaggio al Congresso mondiale dei movimenti eclesiali, *L'Osservatore Romano*, 28 maggio 1998, 6.

Nos primeiros tempos do cristianismo, todos os batizados, sem distinções, formam o Povo de Deus. Sob o *regime de crmandade*, consolidado desde Constantino, inicia-se a ênfase a uma divisão entre os fiéis, com a distinção sociológica entre leigos⁹ e clérigos, estes os estudiosos da fé e privilegiados pela legislação civil romana.

Ao longo dos séculos, seguem-se ondas de movimentos para renovação da Igreja, por força dos quais as duas realidades se aproximam, de tal forma que a relação entre a hierarquia e os demais membros da Igreja enquadra-se num movimento pendular, mas persiste a distinção que privilegia a organização institucional.

Na primeira metade do século XX, contrapondo-se a um imobilismo defensivo, aponta-se para uma maior participação dos leigos na vida pastoral. A convicção é a de que a Igreja deve ser movimento e missão, não contrária a uma sociedade pluralista, mas uma Igreja com novas experiências e realizações. Vai se desenvolvendo a chamada *Nouvelle Theologie*, com autores como Yves Marie-Joseph Congar, que, em 1954, escreve uma obra

com grandes linhas para uma teologia do laicato, abordando a verdadeira redescoberta de uma verdade decisiva: os leigos são plenamente Igreja e parte da missão eclesial¹⁰, da qual participam todos os que recebem a graça batismal, enriquecidos de carismas que permitem a ação para o bem do todo.

Também os papas, pelo menos desde Leão XIII, vão motivando a participação ativa dos fiéis leigos nos mistérios eucarísticos e no apostolado, com uma reflexão litúrgica e eclesiológica sobre sua missão e situação nas relações entre a Igreja e o mundo. Pio XII, em Discurso aos novos cardeais, de 20 de fevereiro de 1946, situa os leigos na *linha mais avançada da vida da Igreja*, cabendo-lhes a consciência de *ser Igreja*¹¹.

Neste contexto de debates teológicos e pastorais internos à Igreja e das diferentes realidades em cada país, passadas as guerras mundiais, em 1958, ocorre a eleição de Ângelo Roncalli, o Papa João XXIII, que, três meses depois, anuncia sua intenção de realizar um concílio para uma ampla reforma da Igreja em suas relações com o mundo. Deverá ela dialogar, no seu interior, e vol-

9 O termo *leigo* vem do grego, *laïkos* – λαϊκός –, referindo-se à pessoa que pertence ao povo ou provém dele: não oficial, civil, comum.

10 CONGAR, Y. M.-J. *Jalons pour une Théologie du Laïcat*, p. 8.

11 Pio XII. *Discurso aos novos cardeais*, AAS 38, p. 149. Disponível em: <<http://goo.gl/JiVCna>>. Acesso em: 8 jan. 2015.

tar-se para fora, para as outras religiões e para a cultura moderna. Lança-se a palavra-chave: *aggiornamento*¹².

Em 11 de outubro de 1962, abre-se o Vaticano II. João XXIII afirma a continuidade do Magistério, a guarda do depósito da fé (Itens II, V e VI) e aponta para o futuro querendo apresentar a face misericordiosa da Igreja (Item VII) e buscar a unidade na família cristã e na família humana, procurando-se aprofundar a doutrina de modo a responder às exigências do tempo (Itens V e VI, n. 5).

Faz-se uma profunda reflexão sobre a Igreja, com uma virada na sua autoconsciência. No documento sobre a Igreja, que resulta na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, ressaem importantes aspectos eclesiológicos: o mistério da Igreja (dimensão cristológica), sua animação e santificação pelo Espírito Santo, que a habita (dimensão pneumatológica), o fato de estar no mundo (dimensão sacramental) e de viver a história como peregrina, na esperança do que ainda não possui (dimensão

12 Conforme Giuseppe ALBERIGO, “*aggiornamento*” é um critério hermenêutico para interpretar os documentos conciliares: “la lettura dei ‘segni dei tempi’ doveva entrare in sinergia recíproca con la testimonianza dell’annuncio evangelico.” ALBERIGO, G. *Transizione epocale: studi sul Concilio Vaticano II*, p. 42.

escatológica)¹³. O Concílio fala em uma **eclesiologia de comunhão**, cuja fonte é a comunhão trinitária, e no **diálogo** da Igreja com o mundo (Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*). Condividindo o dom da comunhão, os seres humanos experimentam uma comunhão entre si, como efeito do batismo, pela ação do Espírito. Daí passa-se de modo natural da Igreja-mistério aos seus membros, tratados como um povo em unidade e igualdade enraizadas no batismo. Concretiza-se o reconhecimento do correto papel do leigo.

Na *Lumen Gentium*, é acentuado o que define positivamente os fiéis leigos: **a índole secular** (LG, n. 31), uma condição que lhes é própria, natural, que os distingue da hierarquia. Seu campo primordial de atuação é o mundo onde vivem, por sua vida familiar e conjugal, na educação dos filhos, na vida política, social, econômica, no trabalho, na sua formação, nas suas capacidades culturais e artísticas, etc. (LG, n. 33).

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, os Padres Conciliares afirmam a importância de os leigos assumirem suas responsabilidades na Igreja e no mundo,

13 Cf. HACKMANN, G. L. B. Igreja, que dizes de ti mesma? E as Eclesiologias. In: BRUSTOLIN, L. (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: Recepção e Interpretação*, p. 99-110.

para o impregnarem do espírito cristão e **testemunharem** Jesus Cristo na cidade terrestre, bem **formando-se com estudos assíduos para estarem aptos a tal chamado** (GS, n. 43).

O Decreto *Presbyterorum Ordinis* aborda o cuidado com os leigos que os sacerdotes devem ter, conciliando-os a viverem como irmãos entre irmãos (PO, n. 9), incentivando os multiformes carismas.

O documento conciliar específico sobre os leigos é o Decreto *Apostolicam Actuositatem* (AA), em cujo Proêmio se reconhece a ação manifesta do Espírito Santo, tornando os leigos mais cômicos de sua responsabilidade, e se sintetizam os assuntos a tratar.

No Capítulo I, *Vocação dos leigos para o apostolado*, o documento fala na **diversidade de serviços, para uma única missão da Igreja** (AA, n. 3), **a partir da consagração batismal, pela qual recebem dons peculiares do Espírito Santo**, de cuja aceitação nasce o direito e o dever de exercê-los, **em comunhão com os irmãos e com os seus pastores, a quem cabe tudo examinar e reter o que é bom** (1Ts 5, 12.19.21) (AA, n. 3). Sublinha **a espiritualidade laical de acordo com o estado de vida, a inscrição em associações ou institutos**, a competência profes-

sional, o espírito de família e o civismo, além de várias **virtudes a serem aperfeiçoadas para concretizarem uma verdadeira vida cristã**, tendo por **modelo a Virgem Maria** (AA, n. 4).

No Capítulo II, intitulado *Objetivos a serem visados*, frisa o documento a necessidade de **os leigos assumirem a ordem temporal como sua função própria, na caridade** (AA, n. 7), conforme a capacidade de cada um, aprofundando os princípios cristãos e aplicando-os aos novos problemas da época. No Capítulo III, que leva o título de *Campos de Apostolado*, menciona **a ação leiga no interior das comunidades da Igreja, na família, no ambiente social, entre os jovens e na sociedade civil nacional e internacional** (AA, n. 10-14).

O Capítulo IV é dedicado às *Modalidades diversas do apostolado*, que deve ser **individual** (AA, n. 16-17), **em grupo** (AA, n. 18), **sob a forma de associações já existentes ou outras**, cujo valor ressalta (AA, n. 19). No Capítulo V, *Observância da reta ordem*, **salienta a união com aqueles que regem a Igreja**, estabelecidos pelo Espírito Santo, a **cooperação** entre iniciativas diversas, **conservando-se a índole própria de cada uma, o dever da hierarquia e dos religiosos de**

incentivar o apostolado e a criação de Conselhos em que sejam incluídos os leigos nas dioceses, paróquias, etc., **a cooperação com outros cristãos e não cristãos** (AA, n. 23-27).

Finalmente, no Capítulo VI, o Concílio enfatiza a **necessária** *Formação para o apostolado*, que deve ser solidamente humana, espiritual e prática, desde a primeira educação das crianças, consentânea com a cultura do diálogo, com os princípios da Doutrina Social da Igreja, bem como com o testemunho de caridade e misericórdia a ser dado (AA, n. 28-32). A Exortação Final lembra que é o próprio Senhor quem convida todos os leigos a se unirem mais intimamente com Ele, **associando-se à Sua missão salvífica**.

Ainda é preciso referir a ênfase dada à multiplicidade de carismas na única Igreja, receptora dos dons do Espírito, no Vaticano II, que fornece as bases de uma **teologia renovada dos carismas**¹⁴. Para a *Lumen Gentium*, o Espírito “enriquece-a [a Igreja] e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos” (LG, n. 4). Estes carismas, sejam os

mais elevados ou os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, porque muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja (LG, n. 12).

Sobressai, assim, que alguns dos elementos característicos das Novas Comunidades, como se verá adiante, vêm inseridos nos documentos conciliares: o apostolado leigo, interno e externo, o direito de associação, inclusive de novas espécies, a comunhão interna, com os demais membros da Igreja e com os sucessores dos apóstolos, a imperiosa formação, a ação do Espírito Santo sobre os fiéis, cumulando-os de dons próprios para cada missão a desempenhar dentro da primordial missão eclesial: a evangelização.

Na fase pós-conciliar, são mais relevantes os documentos a seguir elencados:

1. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, dez anos depois do encerramento do Concílio, em 1975, na qual recorda que toda a Igreja existe para evangelizar. Tratando dos leigos, conclama-os a estar impregnados do Evangelho e comprometidos. **Aborda as pequenas comunidades, diferentes entre si, nascidas da necessidade de se viver mais intensamente a vida da Igreja ou da busca de uma dimensão**

14 MÜHLMANN, W. E. et. al. Carisma. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 345.

mais humana do que a encontrada nas comunidades amplas, especialmente nas metrópoles¹⁵.

2. *Relatio finalis* da IIª Assembleia Geral Extraordinária dos Bispos, entre 25 de novembro e 8 de dezembro de 1985, em que os prelados **apresentam a comunhão como ideia fundamental dos documentos conciliares**¹⁶, **partindo do encontro com o Filho de Deus, Jesus Cristo**¹⁷, cabendo à Igreja universalizar, ou seja, **catolicizar o dinamismo da comunhão**, sendo que todas as dimensões da Igreja formam uma realidade de elementos visíveis e invisíveis, institucionais e espirituais, que não se devem dicotomizar (*LG*, n. 8).

3. *Propositiones* do Sínodo Ordinário de 1987, sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo a vinte anos do Concílio Vaticano II, em que se definiu a **índole secular do fiel leigo** não apenas em sentido sociológico, mas, sobretudo, em sentido teológico, à luz do ato criador e redentor de Deus, que confiou o

mundo aos homens e às mulheres, devendo santificar-se no matrimônio ou na vida celibatária, na família, no emprego e nas várias atividades sociais¹⁸.

4. Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo), de João Paulo II, 1988. O Papa reitera a participação do fiel leigo no múnus sacerdotal, real e profético de Cristo, enquanto membro da Igreja, sua dignidade na Igreja-mistério, como ramo da única videira, em **corresponsabilidade na comunhão orgânica e missionária, tendo recebido carismas do Espírito Santo para produzir frutos**, na vida da Igreja e fora dela, **de forma pessoal ou agregativa**, numa complementaridade dentro da diversidade, para o anúncio da Boa Nova, bem administrando a multiforme graça de Deus e **formando-se adequadamente** para isso. E põe exemplos de formas associativas de participação, dentro da liberdade de agregação promanada do Batismo, bem como os **critérios de eclesialidade** para essas agregações laicais, como instrumentos para o discernimento pastoral da efetiva assunção da responsabilidade

15 PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*, n. 70.

16 II ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DOS BISPOS, 1985, Roma. *XX aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II*. *Relatio finalis*, II, A) 3, p. 37.

17 II ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DOS BISPOS, 1985, Roma. *XX aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II*. *Relatio finalis*, II, A) 2, p. 36 e 37.

18 III ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DOS BISPOS, 1987, Roma. *Propositiones*. p. 1445.

dos leigos numa configuração histórica agregativa e para promoção do respectivo carisma, ficando com o que é bom (LG, n. 12 e AA, n. 3), estimulando o crescimento para o aperfeiçoamento das realidades temporais (CfL, n. 31 e AA, n. 23-25). Vêm enumerados na Exortação: 1. o primado dado à vocação de cada cristão à santidade; 2. a responsabilidade em professar a fé católica; 3. o testemunho de uma comunhão sólida e convicta, em relação filial com o Papa e com o Bispo; 4. a conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja; 5. o empenho de uma presença na sociedade humana (CfL, n. 30).

5. Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, de 1994, que refere *novas expressões* ou **novas formas de vida consagrada**, que não substituíram as antigas (VC, n. 12), e **novas fundações**, com características de algum modo originais relativamente às tradicionais (VC, n. 62 e AA, n. 19).

Paralelamente vai ocorrendo uma nova inundação de carismas, atualizando a potência evangélica como força de salvação nas vidas humanas concretas dentro das novas condições do mundo contemporâneo, consubstanciada em Novos Movimentos e Novas Comunidades.

2 Características das Novas Comunidades

Entendem-se as Novas Comunidades como agregações eclesiais, que nascem da necessidade das pessoas de viverem mais intensamente a sua consagração batismal na Igreja, em relações de reciprocidade, circularidade e complementaridade umas com as outras, com uma vivência comum e próxima, assumindo a mesma missão evangelizadora, sob a pedagogia de um carisma originário e coletivo ou comunitário específico, dado pelo Espírito Santo a um fundador e livremente participado.

1. A **origem** das NC é **carismática**. Segundo W. E. Mühlmann, o Novo Testamento entende por carismas “os dons excepcionais feitos a certos crentes para o bem da comunidade”¹⁹. Eles foram acentuados na *Lumen Gentium* (n. 4 e 12). Quando João Paulo II menciona a nova era agregativa dos fiéis leigos (CfL, n. 29), aponta a riqueza e a versatilidade de recursos que o Espírito infunde no tecido eclesial e descreve essa realidade como *dom do Espírito ao nosso tempo*, que conduz às novas agregações, sinal da liberdade de forma em que se reali-

19 MÜHLMANN, W. E. et. al. Carisma. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 345.

za a única Igreja, ao lado de formas permanentes de vida eclesial, de modo que **o fiel que experimenta Cristo no movimento ou na comunidade realiza uma experiência autêntica de Igreja.**

O *carisma originário* é recebido pelo fundador em circunstâncias históricas determinadas; é *vocacional*, incitando o fiel cristão a assumir empenhos de vida que abraçam a existência inteira e comportam uma doação pessoal a Deus; é um carisma *de comunhão* na vida da comunidade, que, conforme o tipo de agregação, pode ser constante e integral, ou de participação frequente (comunidades de vida e das comunidades de aliança, respectivamente). Cada carisma leva a uma experiência de fé, a uma forma de *sequela Christi*, como um estímulo a compreender e a empreender a comunhão, vivendo de modo dinâmico, existencial e essencial o mistério da salvação, a pertença a Cristo e à Sua Igreja. Libero Gerosa lhe dá o nome de *carisma comunitário*, porque dom de Deus a um grupo, estendido no tempo, orientado à construção da Igreja, da unidade e da comunhão (AA, n. 18), determinando ao grupo objetivo, missão e atividade, estilo de vida e espiritualidade, num ambiente vital que dá ao fiel a possibilidade de exprimir e viver o que

ele é²⁰. O carisma é *comunicativo* e dele, assim como da vivência da comunhão, provém o vigor missionário, convergindo com o fim apostólico da Igreja toda (AA, n. 19).

2. As NC reúnem **membros de vocações distintas na Igreja** e, portanto, com diferentes estados de vida: leigos, portadores do sacramento da ordem em qualquer grau, celibatários por consagração ou não. Talvez seja esta a característica que mais as diferencia de outras comunidades eclesiais: a comunhão de membros de várias categorias de fiéis, de todas as classes sociais ou intelectuais, de diferentes idades (jovens, estudantes de diversos níveis, seminaristas, idosos), ou seja, de todo o Povo de Deus como entendido na *Lumen Gentium*, uma *concentração eclesial*, que abre ao mistério da Igreja²¹ e em que as vocações se fecundam mutuamente.

3. Nas NC, há a presença de uma **forma especial de consagração**. Para Jean Beyer, os participantes encontram seu primeiro impulso num dom total a

20 GEROSA, L. *Carismi i diritto nella Chiesa*, p. 67.

21 REY, D. *L'Accueil des Nouvelles Communautés*, p. 5. In: III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/ZDDnFq>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

Deus, que se traduz numa vida evangélica²². Esta, por sua vez, concebe-se na prática dos conselhos evangélicos²³, adaptados a esse gênero de vida e a situações diversas, num considerável esforço espiritual, que atrai novos membros. João Paulo II, na Exortação que resulta do Sínodo de 1994, observa que “o Espírito Santo suscita também outras formas de doação de si mesmos, a que se entregam pessoas que permanecem inteiramente na vida laical” (VC, n. 56).

4. A vida fraterna em comunhão, como a existente na Igreja primitiva, é outro pilar comum sobre o qual se constroem as NC. Multiplicam-se as associações de fiéis, partilham uma espiritualidade que cria laços entre as pessoas, as quais vivem um amor recíproco e livre na unidade com Jesus Cristo. Num Ocidente em que há acentuada perda do sentido comunitário, forte competição e em que o sentido de comunhão encontra-se diluído, é capaz de ser reencontrado entre pessoas que Deus escolhe e une, demonstrando que viver em comunidade é destruir barreiras para receber diferenças, in-

clusive entre os assistentes e os assistidos, que não são meros objetos de caridade, e na partilha com outras comunidades, que ajuda a perceber a obra do Espírito Santo no mundo. São polos de atração, como fontes de paz e de acolhida.

5. Para aprender a viver assim, também há necessidade constante de **formação**, outra ênfase do Concílio praticada entre as NC (AA, n. 28-32). Aprofundar a fé é amadurecer a consciência da identidade de cristão dada pelo batismo, da vocação e missão. Isto é fundamental num mundo em que o relativismo domina, as personalidades estão fragmentadas e frágeis, o pensamento é débil. Diálogo e comunhão se fazem preservando-se a própria identidade e respeitando a do outro, procurando pontos em comum que possam ser trabalhados em conjunto, no serviço aos irmãos. Stanislaw Rylko, Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, tem enfatizado que a formação é o âmbito por excelência em que se exprime a originalidade dos carismas dos diversos movimentos e comunidades, cada qual fundamentando o processo educativo da pessoa sobre uma pedagogia própria, como verdadeiras escolas para a formação de cristãos *adultos*, com traços essenciais comuns, assim elencados:

22 BEYER, Jean. L'avvenire dei movimenti ecclesiali. *Quaderni di diritto ecclesiale*, n. XI/1, p. 6.

23 Os conselhos evangélicos são, segundo o CIC: castidade (cânone 599), pobreza (cânone 600) e obediência (cânone 601).

1. Cristocentrismo: o encontro com Cristo gera uma conversão autêntica e transforma em testemunhas de que a graça de Deus pode transformar o homem;

2. Pedagogia integral e radical: a formação abrange todas as dimensões da pessoa, a quem são feitas exigências radicais com relação ao Evangelho;

3. Forte identidade cristã: a formação faz o leigo crescer como cristão maduro em fidelidade à Igreja, ao Magistério, ao sucessor de Pedro, na consciência de sua própria vocação e missão;

4. Comunidade: a educação é da fé da Igreja e se realiza na pequena comunidade em que os laços são intensos e ocorre a vivência como comunidade eclesial²⁴.

A formação também produz linguagens mais significativas para a cultura e novos meios de transmissão da fé, abrangendo, por exemplo, os espaços virtuais como a cibercultura. Juntamente com a iniciação cristã, deve habilitar o leigo a assumir responsabilidades na Igreja nos diversos serviços e estruturas, participando efetivamente da tríplice missão de Cristo (LG, n. 35). A

formação deve ser um processo querigmático e permanente, com os seguintes passos: encontro com a pessoa de Jesus Cristo, conversão, discipulado, comunhão e missão, tudo mediante um acompanhamento contínuo (Dap, n. 278 e 282), estimulando o crescimento para o aperfeiçoamento das realidades temporais (CfL, n. 31 e AA, n. 23-25). E tal formação é possível encontrar nas NC, desde a experiência do fundador, que atrai os demais membros, em suas reuniões, encontros, retiros, sessões, o que não significa que pretendam se substituir às iniciativas das outras realidades eclesiais universais ou particulares.

Por essas razões é que Brenda Carranza e Cecília Loreto Mariz destacam como as NC enfatizam a experiência pessoal com Deus, motivam seus membros à transformação pessoal através da oração²⁵ e afastam o anonimato, marca da crise do mundo contemporâneo, servindo como âncoras de sentido, que reorientam os comportamentos cotidianos no mundo, com projetos sociocaritativos e empreendimentos midiáticos, responden-

24 RYLKO, S. L'avvenimento del 30 maggio 1998 e le sue conseguenze ecclesiologicalhe e pastorali per la vita della Chiesa. In: PONTIFICIUM CONSILIIUM PRO LAICIS. *I movimenti ecclesiali nella sollecitudine pastorale dei vescovi*, p. 42-43.

25 CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília Loreto. Novas Comunidades Católicas: por que crescem? In: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (Orgs.). *Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno*, p. 139-170.

do ao apelo de João Paulo II de evangelizar por todos os meios, constituindo-se, ainda, em celeiros vocacionais²⁶.

Michael Hochschild salienta o caráter reticular das NC, que lhes dá capacidade de alargar contatos em nível social e até universal, representando uma saída do processo organizativo territorializado até então predominante, como uma rede multiforme e policêntrica, a partir de uma experiência de fé comum levada à vida quotidiana²⁷, conduzindo a pregação ao mundo em redor, por sua estrutura mais leve, gerando novos pontos de contato com a sociedade pós-cristã, pondo à disposição desta diferentes formas de pertença, e dando uma importante contribuição para a compreensão de uma forma da Igreja como comunhão de comunidades.

Por isso, também, Marc Ouellet salienta o amplo desenvolvimento das NC em face do testemunho de uma evangelização por atração, propícia à transformação missionária da comunidade maior, numa fecundação mútua de carismas em benefício das Igrejas particulares,

26 Como as Cristotecas, Barzinhos de Jesus, Rebanhões, Tocão.

27 HOSCHILD, Michael. Laboratori del Futuro: Aspetti sociologici delle nuove comunità spirituali. In: HEGGE, Christoph (Ed.) *La Chiesa fiorisce: I movimenti e le nuove comunità*, p. 11-35.

das paróquias e das famílias²⁸. Isso gera o que Stanislaw Rylko chama de criatividade missionária, pela qual elas têm capacidade de encontrar vias novas de testemunho e anúncio do Evangelho, com um itinerário pedagógico da iniciação cristã de grande eficácia, apto para desenvolver um impulso evangelizador na pessoa²⁹.

3 Eclesialidade e missão das Novas Comunidades

Falar de autorrealização da Igreja ou de eclesialidade é definir o que é essencial para ser Igreja Católica. Para a Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, o ato de agregar-se dos leigos é de ordem teológica e razão eclesiológica: o apostolado associado é sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo (*CfL*, n. 29 e *AA*, n. 18).

28 OUELLET, Marc. *Évangéliser par attraction: La fécondité des charismes pour la joie d'être peuple de Dieu*. In: III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/xR-PJmg>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

29 RYLKO, Stanislaw. *Introduzione*. In: III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/IN6DRD>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

Os denominados *critérios de eclesialidade* vêm assim enumerados (CfL, n. 30):

1. O primado dado à vocação de cada cristão à santidade. As NC procuram ser um canal para a santificação dos seus membros, a partir da graça infundida pelo Espírito (LG, n. 39). O seu compromisso de vida evangélica se exprime em formas diversas, manifestando-se, como tendência geral, uma intensa aspiração à vida comunitária, à pobreza e à oração (VC, n. 62). Têm elas obtido êxito em favorecer, em nosso tempo, uma experiência real e positiva de encontro com o Cristo vivo, a partir da qual emergem: a alegria de ser cristão, de pertencer à Igreja, de participar dos sacramentos, de descobrir a Palavra de Deus e a oração, o amor e o serviço, especialmente aos pobres em mais de um sentido, àqueles que Francisco situa nas *periferias existenciais*.

2. A responsabilidade em professar a fé católica. As NC professam a verdade sobre o Cristo, a Igreja e o homem, em obediência ao Magistério, e o fazem com o anúncio explícito e implícito, propondo a fé, educando nela os que acolhem a proposta, respeitando-a integralmente.

3. O testemunho de uma comunhão sólida e convicta, em relação filial com o Papa e com o Bispo. As NC

aceitam os ensinamentos doutrinários e orientações pastorais, com amor à Igreja e vontade de cooperação na vida espiritual e apostólica desta.

4. A conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja, que é sua missão, para a qual o Espírito Santo as aparelha por diversos métodos e formas, concedendo-lhes: impulso apostólico e coragem para superar barreiras como a timidez, o medo, para nadar contra a corrente nos areópagos modernos³⁰; capacidade de diálogo com este mundo; concentração sobre o anúncio direto do querigma; originalidade, deixando para trás aquilo que Francisco chama de *cômodo critério pastoral* – “fez-se sempre assim” (EG, n. 33) –, quando convoca a uma conversão pastoral de aplicações concretas; abertura e iniciativa, espírito de acolhida, que pode vencer o individualismo e a homologação cultural do tecido social contemporâneo. Dominique Rey considera que o dinamismo missionário está enraizado nos

³⁰ RM, n. 3, “c”. João Paulo II faz uso do termo “areópagos modernos” quando trata da missão *ad gentes*. Lembra Paulo em Atenas, no areópago, onde usa uma linguagem adaptada e compreensível para aquele ambiente (cf. At 17, 22-31). Refere que o areópago representava, então, o centro da cultura e hoje pode ser tomado como símbolo dos novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado.

seguintes elementos, nas NC: o anúncio querigmático e o testemunho da fé; o itinerário de iniciação de tipo catecumenal; módulos de formação atentos à inserção da fé em todos os domínios da vida; a redescoberta de um *ecossistema* cristão, ambiente natural onde a fé seja vivida e experimentada com outros, num estilo de vida evangélico e um forte acento no sentido do serviço³¹. Com efeito, ser missionário é permear todas as ações de sentido missionário e não agir como se a missão fosse uma atividade extra da pessoa.

5. O empenho de uma presença na sociedade humana (*CfL*, n. 30). Formam-se comunidades que permitem superar o individualismo da pós-modernidade, pois “a Igreja atrai quando vive em comunhão” e os discípulos de Jesus serão reconhecidos se “amarem uns aos outros como Ele nos amou” (*DAp*, n. 159). As NC favorecem o encontro da novidade de vida que vem da mudança essencial no coração da pessoa, adaptando-se a novas formas de presença, como em ensaios de economia de comunhão, obras educativas, culturais, de

apoio de famílias, junto aos anciãos, aos menores, aos refugiados, conforme a fecundidade do respectivo carisma, trabalhando com pacientes terminais de AIDS, com dependentes químicos (Comunidade Obra Nova), com pessoas portadoras de deficiências (Arca), junto à população de rua (Toca de Assis) e a famílias em estado de vulnerabilidade social (Doce Mãe de Deus), a refugiados e pela paz (Santo Egídio), etc., mostrando o amor que elas têm pelos pequenos, pobres e excluídos e seu interesse pela promoção humana.

Não se pode deixar de falar no perfil mariano das NC, não apenas para renovar a devoção a Maria, mas para despertar a consciência mariana do ser da Igreja, como já o Concílio Vaticano II fazia, apontando-a como figura e tipo (*LG*, n. 61 e 63): a Igreja deve se deixar conduzir pelo Espírito como Maria, favorecendo o advento do Deus Uno e Trino entre os homens, através das formas pelas quais se organiza. As NC, buscando ser discípulas e missionárias, veem em Maria a máxima realização da existência cristã, imagem acabada e fidelíssima do seguimento do Cristo (*DAp*, n. 270).

A vocação cristã é, por natureza, vocação ao apostolado (*AA*, n. 2). A pessoa ou a comunidade amadurecidas são animadas por uma intensa paixão missionária

31 REY, D. *L'Accueil des Nouvelles Communautés*, p. 6. In: III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/IN6DRD>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

que as impele a dar testemunho de Cristo em todos os contextos: “o ardor missionário é um sinal claro da maturidade de uma comunidade eclesial” (VB, n. 95). O impulso missionário das NC não deriva de um entusiasmo emotivo e superficial, mas brota de experiências muito sérias e exigentes da formação dos fiéis leigos para uma fé adulta, capaz de responder de modo adequado aos desafios do secularismo. Na força do Espírito, pela experiência feliz e contagiante do encontro com o Senhor, ocorre uma resposta livre e consciente, o seguimento do Evangelho com todas as consequências, tornando a pessoa testemunha preciosa e convincente da força da graça de Deus, capaz de transformar o homem. Este encontro está na raiz das NC, pois o Espírito o realiza primeiro no fundador. Forma-se uma verdadeira identidade cristã, até então inexistente ou com um viés social; uma identidade de comunhão, que conquista outros pela espiritualidade que irradia e pelo calor humano que ajuda a vencer as dificuldades de um mundo sob o garrote da tecnologia e da economia, numa proporção exacerbada; conquista, inclusive, pessoas marginalizadas, no mundo das drogas, do álcool, das ruas, pessoas fragilizadas psicológica ou afetivamente.

O Decreto sobre o apostolado dos leigos convida-os a viver sua pertença à Igreja local, assumindo o sentido da diocese e da paróquia, juntando suas forças operosamente, mas respondendo, também, às situações interparoquiais, interdiocesanas, nacionais ou internacionais, às necessidades do Povo de Deus disperso por toda a Terra (AA, n. 10).

As novas agregações devem, portanto, participar na diocese, nas paróquias, revelar sua capacidade mistagógica, ajudando na transformação progressiva dos que a elas se achegam pelos mistérios celebrados com compreensão da riqueza de seus sinais (SC, n. 64), levando a iniciação cristã ao aprofundamento permanente, aspecto que nelas é forte, porque “chamam a pessoa pelo nome, na sua dignidade, nos seus dons que a caracterizam especificamente”³². As NC mostram-se escolas de formação e se tornam fermento de uma nova cultura entre os membros da Igreja, a cultura de comunhão, ao invés da cultura da relação individual com Deus, revigorando a percepção dos homens todos como filhos de Deus, testemunhando um Deus que veio habitar e conviver com os homens.

³² STAFFORD, J. F. I movimenti nell'oggi della Chiesa. *Nuova Umanità*, p. 35-49.

No hoje da igreja e especialmente da Igreja na América Latina, que conclama as paróquias a se transformarem em comunidades de comunidades, a chave de leitura para a relação entre as várias instâncias na Igreja é a comunhão, a que conclama o Concílio Vaticano II e João Paulo II enfatiza na passagem do milênio (*NMI*, n. 43). Na verdade, cuida-se de voltar ao próprio Cristo, que rogou ao Pai por esta comunhão (*Jo* 17, 21-12).

As NC trabalham frequentemente com as populações de dependentes químicos, imigrantes, moradores de rua e de vilas precárias, pacientes de hospitais, encarcerados, escolas e idosos presentes nos territórios paroquiais, e podem fazê-lo em conformidade com a pastoral paroquial respectiva, incutindo nestas pessoas um sentido para a vida, que será fonte de vida nova.

A formação inicial e a permanente podem ser auxiliadas pelas NC, seja diretamente com os fiéis, seja preparando catequistas, com base no Rito da Iniciação Cristã de Adultos, preparando outros formadores, direcionando cursos a certas faixas etárias, com melhor aproveitamento, atualizando em bioética, na Doutrina Social da Igreja, formando pensadores e líderes, fortalecendo o exigente compromisso de ser apóstolo na

sociedade de hoje³³. Na área da comunicação, as NC têm desenvolvido muitas experiências, alimentando sites paroquiais, com uma linguagem adequada, que atinja os corações, o que será um forte componente de evangelização e de presença pública da Igreja, que precisa promover a cultura sadia, dos verdadeiros valores, de princípios econômicos, políticos, científicos direcionados para o bem comum, incentivando a reflexão, o diálogo e a espiritualidade (*RM*, n. 37).

A qualidade da música e da animação dos que as ministram, bem situados e sem contrapor-se à liturgia, é outro sinal da presença do Espírito de Deus que atrai os homens e mulheres de hoje, principalmente jovens, como nos Encontros de Bandas Católicas em praças, salões, centros comunitários. Quando pessoas afastadas e indiferentes não veem mais um lugar onde encontrar respostas de sentido na Igreja, as NC as acolhem, seja através de visitação, convites ou ajuda concreta espiritual e material, fazendo-as conscientes de que a Igreja se interessa por elas com amor de mãe. As pessoas não buscam

33 FRANCISCO, F. R. As contribuições das Novas Comunidades cristãs para a Teologia do Laicato. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, p. 39-54. Disponível em: <<http://goo.gl/ASzK2a>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

em primeiro lugar as doutrinas, mas o relacionamento solidário, a vivência implícita do Evangelho. Na Pastoral das Portas Abertas, podem realizar intercessão através da oração pelas pessoas que se aproximam dos templos, sendo o ouvido de que necessitam, aconselhando. Na Pastoral Familiar, ajudarão as famílias, como família de irmãos que são, a se tornarem uma primeira experiência verdadeira de comunidade do ser humano.

Não fica de fora a dimensão ecumênica, particularmente através de experiências concretas de encontros entre irmãos separados como amigos, e serviços conjuntos em prol dos excluídos e necessitados, levando adiante o diálogo ecumênico e inter-religioso projetado pelo Vaticano II.

O fundamental é que, em conjunto, aconteça a revitalização do espaço de alcance da paróquia, sendo as NC acolhidas em seu carisma, juntas enfrentando os desafios humanos e educacionais atuais, encarnando a salvação obtida pelo Cristo, em toda sua fecundidade, ou seja, a missão para a qual a Igreja existe, qualquer que seja a sua forma de realização concreta.

Conclusão

A aceleração da urbanização e o desenraizamento das pessoas, pela intensa mobilidade da pós-industriali-

zação e, com ela, a despersonalização, ao lado do pluralismo relativista e de grande instabilidade e insegurança, deram origem a um individualismo egoísta e à massificação. As pessoas sentem a necessidade de serem reconhecidas por si mesmas, de unidade de vida, de partilha e fraternidade.

O Concílio Vaticano II verificou a urgência de uma comunicação direta, amorosa e inteligível do catolicismo para com o homem contemporâneo, encontrando-se uma linguagem apropriada para o mundo atual, quanto a muitos aspectos da fé. Paralelamente ao Concílio e como fruto do Espírito, que também o impregnou, vai se apresentando e crescendo o fenômeno associativo dos leigos, em que se vive em comunhão, retornando da teoria à prática. As NC são lugar de encontro, de compreensão, inclusive das diferenças, e de relacionalidade. O Espírito as aparelha com diversos métodos, dota-as de capacidade de diálogo – incluindo o aspecto ecumênico e inter-religioso –, dá-lhes um espírito de acolhida, que pode vencer o individualismo e a homologação cultural, alcançando distintas sensibilidades e atingindo um número incontável de pessoas, no respeito pelo outro. Criam-se pontes entre a doutrina e a vida, através do testemunho.

Esta novidade, que não é absoluta nem exclusiva, manifesta-se num agir de comunhão, alargando-se a consciência da possibilidade de permuta de dons na missão, concorrendo para uma imagem articulada da Igreja, de unidade na pluralidade, cada um ofertando seus dons peculiares a serviço do todo, isto é, no amor ao próximo.

Enfim, se pelos frutos se conhece a árvore (Mt 7,20), já é possível verificar a força espiritual, a eficácia do testemunho atraente e a possibilidade de as NC responderem, na humildade, aos desafios do mundo de hoje, convergindo como uma das formas de autorrealização da Igreja, realizando, também elas, o *aggiornamento* intuído desde o Concílio Vaticano II, com os elementos e valores que perpassam seus documentos.

Referências

II ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DOS BISPOS, 1985, Roma. *XX aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II. Relatio finalis*. São Paulo: Paulinas, 1986.

III ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DOS BISPOS, 1987, Roma. *Propositiones*.

ALBERIGO, Giuseppe. *Transizione epocale: studi sul Concilio Vaticano II*. Bologna: Il Mulino, 2009.

BENTO XVI. *Verbum Domini*. Disponível em: <<http://goo.gl/7rZAWg>>. Acesso em: 17 out. 2014.

BEYER, Jean. *L'avvenire dei movimenti ecclesiali. Quaderni di diritto ecclesiale*, Milão, n. XI/1, p. 6-13, 1998.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. *A Sedução do Sagrado. Religião e Sociedade*, Petrópolis. v. 16, p. 82-93, 1992. Disponível em: <<http://goo.gl/q2h7qc>>. Acesso em: 7 jul. 2014.

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília Loreto. *Novas Comunidades Católicas: por que crescem?* In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009, p. 139-170.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Apostolicam Actuositatem*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 527-564.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 141-256.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 37-117.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Presbyterorum Ordinis*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 437-483.

CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA CEI. *Commissione Episcopale Per Il Laicato. Le Aggregazioni Laicali nella Chiesa: nota pastorale*.

- Notiziario CEI, 29 apr. 1993, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/WS3GCh>>. Acesso em: 2 out. 2014.
- CONGAR, Yves Marie-Joseph. *Jalons pour une Théologie du Laïc.* 2. ed. Paris: Cerf, 1954 (*Collection Unam Sanctam*, 23).
- CELAM, V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano e do Caribe: *Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele tenham a vida*, Aparecida, 2007, Documento Conclusivo. Disponível em: <<http://goo.gl/kbG7Zd>>. Acesso em: 23 dez. 2014.
- FERREIRA, Wagner. *As Novas Comunidades no Contexto Sociocultural Contemporâneo*. São Paulo: Canção Nova, 2011.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Fernando Rodrigues. As contribuições das Novas Comunidades cristãs para a Teologia do Laicato. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 6, n. 9, p. 39-54, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/y7Dr18>>. Acesso em: 10 jun. 2014.
- GEROSA, Libero. *Carismi i diritto nella Chiesa: Riflessioni canonistiche sul carisma originário dei nuovi movimenti ecclesiali*. Milão: Jaca Book, 1989.
- HACKMANN, Geraldo L. B. Igreja, que dizes de ti mesma? E as Eclesiologias. In: BRUSTOLIN, Leomar (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: Recepção e Interpretação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 97-123.
- GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-identity*. Cambridge: Polity, 1991.
- HOCHSCHILD, Michael. Laboratori del futuro: Aspetti sociologici delle nuove comunità spirituali. In: HEGGE, Christoph (Ed.). *La Chiesa fiorisce: I movimenti e le nuove comunità*. Roma: Città Nuova, 2006, p. 11-35 (Contributi di Teologia, 50).
- JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. Disponível em: <<http://goo.gl/C2EQKS>>. Acesso em: 28 dez. 2014.
- JOÃO PAULO II. Messaggio al Congresso mondiale dei movimenti ecclesiali, *L'Osservatore Romano*, 28 maggio 1998, 6.
- JOÃO PAULO II. *Novo millennio ineunte*. Disponível em: <<http://goo.gl/2zWG7i>>. Acesso em: 12 ago. 2014.
- JOÃO PAULO II. *Redemptoris missio*. Disponível em: <<http://goo.gl/taoUnx>>. Acesso em: 7 jun. 2013.
- JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*. Disponível em: <<http://goo.gl/VoPmM3>>. Acesso em: 12 ago. 2014.
- JOÃO XXIII. *Discurso na abertura solene do SS. Concílio*, 11 de outubro de 1962, Cidade do Vaticano. Disponível em: <<http://goo.gl/ikPI53>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- LIBÂNIO, João Batista. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARTUCCI, Daniela. *Il coraggio e la gioia di uscire verso le periferie: Il "dinamismo di uscita" nella vita dei movimenti e delle nuove comunità*. In: III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/auSVVI>>. Acesso em: 19 dez. 2014.
- MAZZOCHINI, Lucas Antônio; HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Peçado. Fragmentação do Ser Humano numa Sociedade em mudanças. Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 107-125, jan./abr. 2009.
- MÜHLMANN, W. E. et. al. Carisma. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, Tradução Paulo Meneses et al. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.
- PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: <<http://goo.gl/DkONmB>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

Pio XII, Discurso aos novos cardeais, 20 de fevereiro de 1946, Cidade do Vaticano. AAS 38, p. 149, 1946.

OUELLET, Marc. *Évangéliser par attraction: La fécondité des charismes pour la joie d'être peuple de Dieu*. In: III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/FEr43x>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

REY, Dominique. *L'Accueil des Nouvelles Communautés*. In: III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/YiQdx>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

RYLKO, Stanislaw. *L'avvenimento del 30 maggio 1998 e le sue conseguenze ecclesiológicas e pastorali*. In: PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS. *I movimenti ecclesiali nella sollecitudine pastorale dei*

vescovi: Atti del Seminario Movimenti ecclesiali e nuove comunità nella sollecitudine pastorale dei vescovi, 16-18 jun. 1999, Roma. Città del Vaticano: LEV, 2000, p. 23-45 (Laici oggi, 4)

RYLKO, Stanislaw. *Introduzione*. In: III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014, Roma. Disponível em: <<http://goo.gl/hjNkH0>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

SÍNODO DOS BISPOS, IX, 1994, Roma. *A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo*: Instrumentum Laboris. São Paulo: Loyola, 1994. 145 p.

STAFFORD, James Francis. *I Movimenti Nell'Oggi della Chiesa: Intervista a S. E. il Cardinale James Francis Stafford, presidente del Pontificio Consiglio per i Laici*. *Nuova Umanità*, Roma, n. 127, p. 35-49, ano XXII, jan.-fev. 2000/1.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudou, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo

- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight
- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho

- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais* – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vítor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira



Rejane Maria Dias de Castro Bins é mestra em Teologia (2015) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais (1980) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desembargadora aposentada do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Os principais interesses de pesquisa e atuação: Novas Comunidades, Teologia Sistemática, Teologia e Experiência Religiosa, Direito Público.

Algumas obras da autora

BINS, Rejane Maria Dias de Castro. O aborto provocado é constitucional no Brasil?. *Cultura e Fé (Porto Alegre)*, v. 112, p. 07-23, 2006.

_____. Vida, cuidado e dignidade humana. In: *XX Conferência Nacional dos Advogados, 2009, Natal, RN. Anais 2008 XX Conferência Nacional dos Advogados*. Brasília: Conselho Federal da OAB-Gerência de Relações Externas, 2008. v. 2. p. 959-977.

